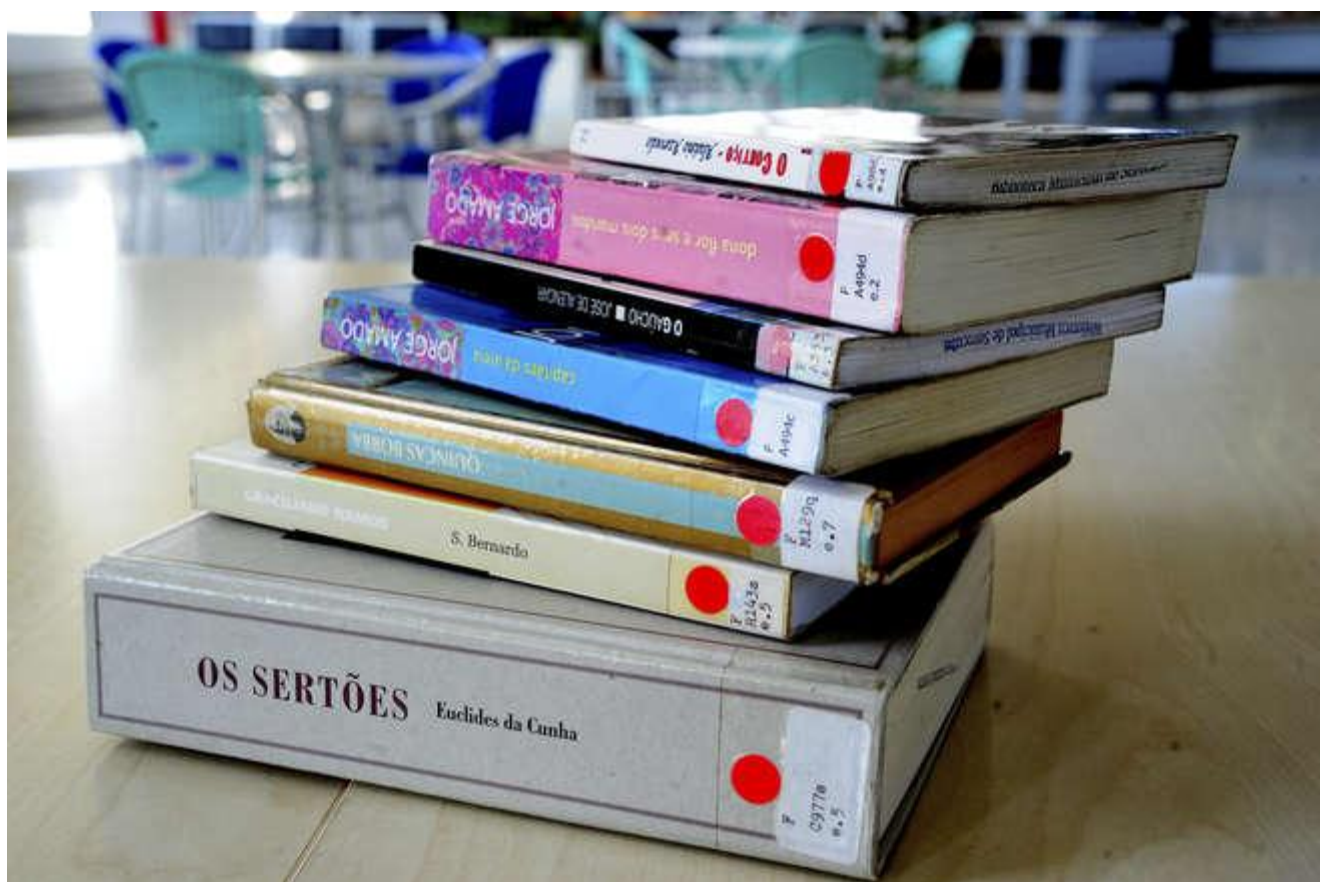


Clássicos obrigatórios: importante etapa de contato com a literatura



Para professor, as leituras mais pesadas ensinam os alunos a saber lidar com textos difíceis - EMÍDIO MARQUES

Elas estão lá, como um roteiro a ser cumprido. Machado de Assis, Eça de Queirós, Luís de Camões e uma lista bem extensa. Seja para a realização de um debate, trabalho ou prova, ao longo do ensino básico, ou para prestar vestibulares, as leituras obrigatórias de clássicos da Literatura de Língua Portuguesa acompanham os estudantes há décadas. E, assim como tudo o que é apresentado como algo a ser seguido sem possibilidade de contestação, a manutenção do contato imposto dos alunos com esse material por vezes é questionada. Afinal, ler os clássicos é essencial?

Para o professor de Língua Portuguesa e Literatura, Nelson Fonseca Neto, a resposta para essa questão é sim -- e sem titubear. "A escola não precisa reproduzir tudo o que a sociedade impõe. Ela atua como uma espécie de guardiã do clássico, do tradicional, do importante", comenta, numa reflexão de que a abolição das listas obrigatórias em detrimento de leituras espontâneas dos alunos -- que seguem, quase sempre, na linha dos best sellers juvenis -- pode ser algo perigoso. "Deve-se equilibrar a dose de obrigatoriedade. Dá para trabalhar com estrutura dos clássicos e sugestões de leituras de livros que não têm nada ver com isso. Esse é o jogo do equilíbrio." Gabriela Fernanda Cé Luft, docente e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), concorda. "A leitura na íntegra de um clássico tem tanto sentido nos dias de hoje como tinha na década de 60 ou no início do século 20. A questão é: por mais que a obrigatoriedade gere, por natureza, certa repulsa, quando há a proposição de uma lista de leituras, bem ou mal os alunos acabam entrando em contato com as obras -- seja pela leitura integral dos textos, seja via resumos. Contudo, quando são abolidas as indicações, corre-se o risco de se partir para outro extremo e não se ler coisa alguma."

Gabriela é autora, em parceria com o também pesquisador Luís Augusto Fischer, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), do estudo "Literatura, leitura e ensino: o Enem e os impactos das leituras obrigatórias dos exames vestibulares para a formação de leitores", publicado em 2014. O trabalho de pesquisa ouviu 184 estudantes do ensino médio do Rio Grande do Sul (67 da rede pública e 117 da rede particular), em 2012, sobre seus hábitos de leitura. A ideia foi avaliar o quanto a obrigatoriedade contribui -- ou não -- na formação de leitores. Questionados sobre as obras literárias que lêem, 44% dos estudantes ouvidos relataram terem sido livros recomendados por professores. Já perguntados sobre quais das obras lidas gostaram muito, 41% citaram uma leitura obrigatória da escola e 43,5% clássicos da literatura de Língua Portuguesa. Entre os autores preferidos, 57% dos citados foram os clássicos. "As obras citadas como preferidas são, em grande parte, os mesmos clássicos regularmente adotados pelos professores", cita a pesquisa acadêmica.

Para Neto, promover o contato dos estudantes com os clássicos literários vai além de uma busca pela formação de bons leitores. "É complicado encarar a leitura dos clássicos como algo que vai construir o gosto pela leitura, até porque isso se constrói de muitas maneiras. Mas abrir mão deles é perder um

importante trabalho intelectual da escola." Para o professor, as leituras mais pesadas, de linguagem complexa, algumas inclusive arcaicas, ensinam os alunos a saber lidar com textos difíceis. "Na vida, nem todo texto que a gente vai encarar será imediato. Muitos temos que ler com calma, procurar no dicionário, entender sua estrutura." Neto vê essa evolução -- inclusive por parte de alunos que não gostam muito da literatura clássica -- todos os dias em sala de aula. Isso porque, segundo relata, ainda que algumas obras apresentem nível de linguagem e entendimento difíceis, em geral os estudantes encaram e se mostram satisfeitos após superar o desafio. "Tirar completamente os clássicos é uma forma de subestimar a inteligência dos alunos." "A percepção que terei de um Machado de Assis aos 16 anos será diferente da que terei aos 40, por exemplo, mas isso não invalida a realização da leitura dos clássicos desde cedo", emenda Gabriela.

No vestibular?

Instituições reconhecidas e gabaritadas, como a Universidade de São Paulo e a Unicamp, continuam exigindo a leitura obrigatória de títulos da Literatura para seus processos seletivos. Em contrapartida, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) -- que chegou para substituir a seleção para ingresso em todas as universidades federais e muitas públicas e particulares -- extinguiu a prática. Alvo de uma grande parte dos alunos oriundos do ensino médio, esse posicionamento têm alterado, inclusive, a forma de ensinar Literatura na educação básica. "O Enem é uma prova enganosa, não é tão revolucionária como muitos dizem. Ele não pede leituras obrigatórias, mas traz muitas questões baseadas nestas obras clássicas. E quanto mais repertório o aluno tem, mais estará preparado para fazer a prova", reflete Neto. "Como o ensino médio costuma se moldar às demandas dos processos seletivos de ingresso às universidades, com o Enem a formação de leitores literários tende a se fragilizar", acredita Gabriela.

Nessa relação entre estudantes e os clássicos literários, o papel de equilíbrio e mediação exercido pelos professores torna-se fundamental. "O ideal seria partir do horizonte de cada aluno, sem negligenciar ou menosprezar suas preferências e bagagens de leituras, para, aos poucos, introduzir as obras consideradas como clássicas. Uma coisa é apresentar as obras de forma diacrônica e desvinculada da realidade; outra, por exemplo, é organizar as obras por eixos temáticos e associá-las a diferentes manifestações culturais, como a música e a pintura, por exemplo", acredita Gabriela. "Você consegue

ter na sua casa um móvel antigo e um contemporâneo e a combinação pode ser muito legal", completa Neto.